

Sarney vai mudar o Governo se rebeldia continuar

Intervenções vãs

BRASÍLIA — O Presidente José Sarney está disposto a rever a composição política do Governo se parlamentares com efetiva participação na administração continuarem a assumir postura oposicionista e a negar apoio e voto em assuntos de interesse do Palácio do Planalto, como foi o caso da ampliação da anistia aos militares cassados, na semana passada.

Sarney pediu ontem aos Líderes da Aliança Democrática, na reunião do Conselho Político, que identifiquem os parlamentares que têm apoiado o Governo e os que têm ficado na posição ambígua de uma hora agir como oposição e outra como situação.

Dedicada à análise das votações da semana passada — em que grande maioria da bancada do PMDB apoiou a subemenda Jorge Uequed, contra o substitutivo do Governo — a reunião acabou com um recado aos peemedebistas: quem quiser se eximir de apoiar o Governo tem toda a liberdade, mas não poderá esperar o tratamento de aliado do Governo, que tem acatado indicações de outros pedidos de parlamentares.

O Presidente citou na reunião o caso de um Deputado que indicou cinco correligionários para cargos de segundo e terceiro escalões e continua fazendo discursos de crítica e negando voto ao Governo.

— É preciso saber com quem o Governo conta — advertiu.

Fontes do Palácio do Planalto disseram que a revisão poderá provocar uma alteração substancial na composição do Governo, sobretudo nos segundo e terceiro escalões. Além de estar insatisfeito com o desempenho administrativo desses escalões, que não têm cumprido a contento as diretrizes de Brasília, o Presidente poderá apressar as substituições, demitindo os indicados por políticos que têm negado apoio ao Governo.

O Palácio do Planalto tem um serviço de computação capaz de identificar quantas e quais indicações fez cada parlamentar do PMDB e do PFL. Um dos Líderes da Aliança Democrática informou que esse sistema será aperfeiçoado, pois, além das indicações, o Presidente tem determinado aos Ministros a assinatura de atos e a adoção de medidas reivindicadas pelos parlamentares. A fidelidade dos parlamentares será medida por um minucioso levantamento do seu comportamento através dos votos e discursos e declarações favoráveis ou desfavoráveis.

O Líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, rejeitou a expressão "depuração" e negou que os parlamentares rebeldes venham a sofrer represálias do Governo. Pimenta acha, porém, que a bancada tem que assumir que está no Governo e

não vê contradição entre o programa do partido e a ascensão ao poder. Para ele, o PMDB pode dar apoio ao Governo sem mudar suas idéias.

A necessidade de ampliar a base parlamentar do Governo foi o tema de uma reunião, ontem à noite, entre Pimenta e Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que discutiram soluções para contornar a crise surgida com a rebelião da bancada.

A tarde, Ulysses esquivou-se de comentar a reunião do Conselho Político em que o Presidente reclamou da falta de solidariedade do PMDB.

— Ainda não conversei com Pimenta da Veiga. Creio que é necessário um melhor entrosamento no partido com os compromissos do Governo, mas entendo que é normal que esse relacionamento vá se tornando mais nítido a partir das eleições. Estou certo de que o resultado das eleições fortalecerá o PMDB, ao mesmo tempo que o Governo será ratificado pelas urnas — disse.

“Prefiro contar com 80 ou cem Deputados decididos do que com 250 ou 300 mornos”

PIMENTA DA VEIGA,
Líder do PMDB na Câmara

Pimenta voltou à carga contra os parlamentares da bancada que votaram a favor da ampliação da anistia e acusou a Aliança Democrática de não fazer a defesa adequada do substitutivo do Governo.

— Prefiro contar com 80 ou cem Deputados decididos do que com 250 ou 300 mornos — disse.

O Líder desmentiu qualquer intenção de substituir, por punição, os Vice-Líderes que se rebelaram contra a orientação da Liderança, mas admitiu que examinará caso a caso as dissidências. Só ontem Pimenta concordou que a votação da anistia foi um episódio negativo para o Governo. Ele continua inconsolável com o que define como manobra do PDT e do PT para fragmentar o PMDB.

— Eles conseguiram empolgar muita gente no PMDB, o que foi um erro — disse.

O desgaste do partido foi tanto que Pimenta chegou a advertir a bancada para a possibilidade de o PFL assumir a hegemonia no Governo, porque votou mais coeso que o PMDB.

— Somos uma coligação. Não há partido comandante nem partido comandado — reagiu categoricamente o Líder do PFL na Câmara, José Lourenço. — Não pedimos nada em troca do nosso apoio. Queremos comportamento idêntico de nossos companheiros.